****

**UMA FEBRE DO PADEL: OLHARES ETNOGRÁFICOS SOBRE ESTA PRÁTICA ESPORTIVA EM SANTA MARIA[[1]](#footnote-1)**

Morgana de Melo Machado (UFSM)

**Resumo:**

A temática do esporte enquanto matéria de lazer e prática tem seu espaço significativo no campo da Antropologia. Assim, o fenômeno esportivo é observado partindo do entrelaçamento de uma série de escopos multifacetados e atravessados pelos olhares teórico-metodológicas, traduzindo pontos de vista privilegiados sobre diversos desdobramentos do tema, tais como apropriação nas cidades e as territorialidades, os rituais e as performances, a corporeidade e as construções de suas identidades e alteridades, o campo de disputas e suas linguagens e simbologias, bem como emoções, pertencimentos, laços, ostentações e modismos sócio-culturais. Para tanto, por meio deste relato de experiência, algumas destas questões pretendo aqui abordar a partir de procedimentos metodológicos adotados que consistem tanto em revisão bibliográfica sobre o tema, quanto em observação parcialmente participante e *en passant* sobre a prática do padel e seu ressurgimento em Santa Maria.

Palavras-chave: Padel, Antropologia do esporte, práticas urbanas, corporeidades.

**1 Considerações iniciais:**

Primeiramente, gostaria de esclarecer que este é apenas um relato atrelado ao meu olhar, que vive em constante construção antropológica e me permite ousar tentar aqui fazer o que entendo como uma “minietnografia”, ou uma tentativa de etnografia. A verdade é que nunca me interessei por jogar e não jogo padel. Ainda adolescente, eu passava pela famosa quadra de padel “Barão”, localizada no meu bairro (Camobi) e que hoje virou uma academia, para ir às aulas de inglês. Nesta passada, via as pessoas jogando, mas, sem pretensão alguma de participar um dia daquilo, já que sempre fui péssima com esportes de bola. E a única vez que tentei segurar uma raquete de padel na mão foi por insistência do meu marido e que não deu muito certo. Trinta anos depois daquele momento, reconheci o padel com ele e para ele, porque sempre é preciso haver reciprocidade e diálogo em vários níveis (CRAPANZANO, 1988) nas relações, sobretudo as pessoais. Contudo, é ele quem pratica o esporte de maneira assídua nos dois grandes atuais clubes de Santa Maria – o “Squadra” e o “Star”. Assim, esta é, definitivamente, uma história antropológica, e eu, como aspirante à antropóloga, primeiramente, roteirizo-a por meio de uma estrutura de análise própria da Antropologia, em que só autores como Thomas Csordas, Pierre Bourdieu e Clifford Geertz me ajudam a contar, já que é do “*metier”* antropológico sair por aí olhando os estas e as pessoas de forma “estranha”, e não há obrigação mais profícua de um antropólogo que não usar o olhar para enxergar (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1995).

Então, começando pelo começo: o pádel ou padel[[2]](#footnote-2) é um jogo de raquete disputado em duplas, e que possui regras similares ao Tênis ou ao Squash, porém, a bola, que é idêntica à de Tênis, tem uma variação na pressão interior, e, a quadra tem mais ou menos 20m de comprimento por 10m de largura, com paredes nos fundos e nas laterais, que podem variar seu material de confecção. Hoje, as mais sofisticadas utilizam vidro ou *blindex*, o que colabora para uma melhor visualização e transmissão dos jogos, hoje muito midiatizados pelo YouTube. Sobretudo, estas paredes são o que diferencia o padel dos demais, já que a interação com elas remonta a dinâmica do próprio jogo, uma vez que recolocam a bola em jogo, atribuindo maior emoção à disputa.



FIGURA 1 – Campo construído por Corcuera que se tornaria a primeira quadra de padel

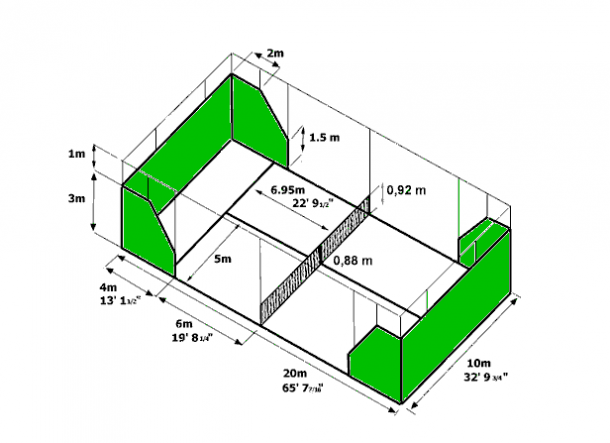


FIGURA 2 – Quadra de Padel modelo atual

Este esporte me chama a atenção justamente porque, afora as oscilações e ondas que demarcou sua prática em Santa Maria, há alguns anos, se observa um grande aumento no mundo, com mais de 5 milhões de pessoas que o praticam no mundo, segundo dados da Associación Americana de Pádel (APA), em diversos países como México, França, Itália, Alemanha, Bélgica, Suécia, Austrália, Canadá, Venezuela, Chile, Paraguai e Uruguai, e mais fortemente na Espanha, Argentina e Brasil, em mais recentemente voltando com forças para os Estados Unidos.

No mundo, o padel é o segundo esporte mais popular na Argentina e teve sua grande instauração e difusão na Espanha por meio da adesão da sua aristocracia no início do século passado, que demarca uma primeira característica importante do padel que mais tarde vou justificar ao longo da leitura etnográfica: este, é, sem dúvida, um esporte de elite. Devido a esta influência, difundiu-se nos países latino-americanos, mas chega ao Brasil[[3]](#footnote-3) por volta de 1988 e teve o auge de sua primeira onda nos anos 90, especialmente na fronteira sul do país, já que foi trazido pelas conivências com uruguaios e argentinos. Atualmente, com todo um aparato institucionalizado em associações, federações e confederações[[4]](#footnote-4), o esporte se consagra em diversos torneios internacionais, entre eles, os mais famosos WPT (Word Padel Tour) e APT (American Padel Tour), que percorrem diversos países no mundo com jogadores ranqueados que estrelam partidas tão badaladas quanto os grandes circuitos de tênis.

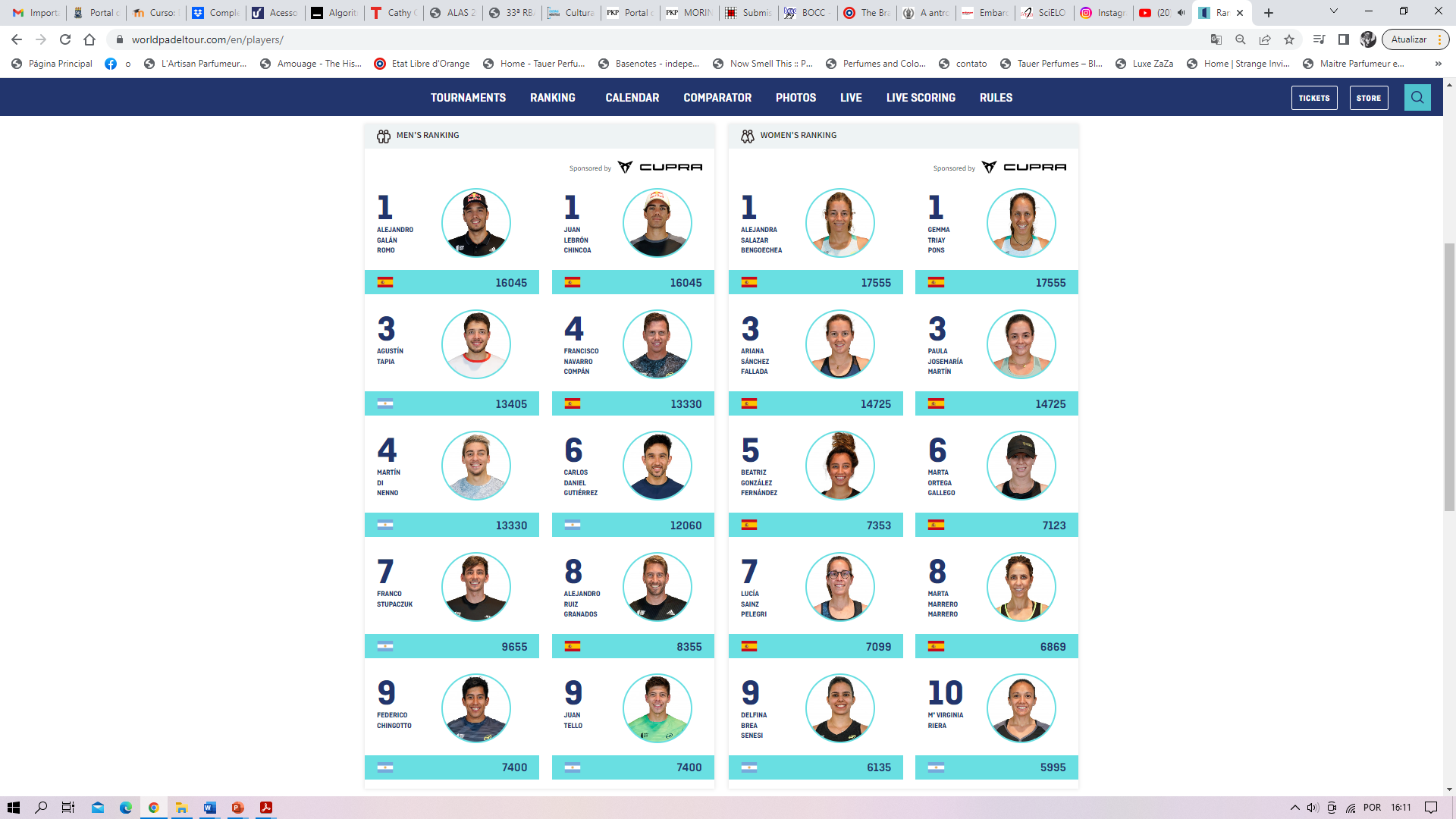


FIGURA 3- Ranking masculino e feminino atual dos 10 melhores jogadores de Padel no mundo

**FONTE:** <https://www.worldpadeltour.com/en/players/>

Aliás, praticamente todo o regramento do padel é adaptado das regras do tênis. Há poucos dias, eu, que nunca entendi muito bem o tênis, e portanto, não entendia ao certo como funciona as regras, os golpes[[5]](#footnote-5) e o sistema de pontuação do padel, assistia uma partida de padel na TV[[6]](#footnote-6) com meu marido, simplesmente para acompanhá-lo. Como insistentemente eu fico perguntando pequenas coisas sobre o próprio que para ele são óbvias, ele decidiu me explicar quase que em um passo a passo como funciona o próprio jogo:

Sobre o jogo em si... A partida é dividida em games, sets e pontos. Um game é formado por um conjunto de postos, que são quatro. A soma destes pontos funciona como os ponteiros do relógio: 15, 30, 40 e game. Quando uma dupla completa esta pontuação quicando duas vezes a bola na quadra adversária de maneira ainda que a dupla do outro lado não consegue rebatê-la, conquista um game. O set é feito de seis games. Para a dupla ganhar, é preciso fechar 2 sets, de maneira que quando a dupla A fecha um set, e, na sequência, a dupla B fecha o outro set, será disputado o melhor de 3, podendo ainda cada set ir para o *tiebreak*, quando empatam em número de games ao final de um set, ou ainda disputarem o chamado ponto de ouro quando empatam em número de pontos ao final de um game. A dupla que sai sacando a bola pode ainda perder ou recuperar a vantagem do saque sempre que fecha um game.

Outra observação importante diz respeito ao marcador de pontos, que é sempre horizontal e tabelado, com nomes das duplas, sets, games e pontos em sequência.



FIGURA 3- modelo de marcador de pontos no Word Padel Tour

Naquela ocasião, eu já iniciava escrever este artigo, mesmo sem ter noção de como funcionava o jogo em sua prática. Mas, como sou antropóloga e não jogadora de padel, ao longo da conversa, ele me explicou detalhes éticos e sociais outros que muito me interessaram. Assim como no tênis, há no padel, em matéria de regras, toda uma postura ética esperada de cada jogador, ou seja, que cada jogador deve incorporar e representar durante uma partida. O jogador que viola as regras, não só em alguns casos recebe punição, mas também acaba sendo rechaçado pelos demais, já que tais condutas e posturas são pré-estabelecidas para quem vive o padel.

Um jogador é punido quando toca a bola com o corpo ou quando estiver no espaço aéreo do adversário, ou ainda quando toca a rede com a raquete durante o corpo. Ele também não pode exceder o tempo limite para um saque, mas pode solicitar parar o jogo para ir ao *toilette*. Aliás, o jogo tem sempre um break e uma troca de lados da quadra quando uma dupla fecha um game. O jogador pode parar o jogo também quando alguém da plateia em sua frente levanta, já que isso pode ser considerado uma maneira de distração.

Esta ética de conduta social e corporal me interessou reconhecer o jogo além do jogo, já que desde Mauss (2003), temos a possibilidade de pensar não só sobre as técnicas corporais, mas os sentidos representados por elas além delas. É para isso que me volto e me esforço em descrever nas páginas a seguir. Entre notas de rodapés e conversas com meu marido padelista, quero situar aqui o leitor do meu próprio esforço em compreender, primeiramente, a linguagem deste esporte. Como todo bom antropólogo, dou meu primeiro passo em direção ao aprendizado e traço minhas categorias por de um certo tipo de diálogo (CRAPANZANO, 1988): primeiro, o corpo, sua linguagem, expressividade e alteridade; segundo, as possibilidades de relações em um campo; e, terceiro, minhas interpretações. Saliento ainda que as únicas formas de reconhecer todo este contexto é por meio da livre pesquisa exploratória na internet e das conversas com pessoas envolvidas com o esporte na cidade, que conheci através das conexões do meu marido, material que trago nas próximas páginas articulado a noções importantes da Antropologia, como os conceitos de cidade ou metrópole em Simmel (1967) enquanto um espaço de disputas (BOURDIEU, 2011), bem como as ideias de corpo, gosto, linguagem, pertencimento e algumas coisas conceitualizações recuperadas e aqui importantes para o desenvolvimento do meu raciocínio e presentes em autores como David Le Breton e Pierre Bourdieu, sendo possível ainda diálogos com Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss.

**2 Um cenário do Padel em Santa Maria**

Sou natural de Santa Maria, cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, com em torno de 280 mil habitantes, segundo o IBGE[[7]](#footnote-7), considerada uma cidade de meio grande porte mas muito influente na região central do estado. E conhecida como uma cidade universitária, já que comporta diversas universidades, de maneira que operacionaliza sua economia em torno da educação e aparato militar. Aqui cresci, estudo e vivo. E, a primeira vez que entrei em uma quadra de padel foi acompanhando meu marido, em setembro de 2019, num espaço tradicional na cidade chamado Confraria del Padel, coordenado pelo “professor” Bracinni. Digo tradicional para elucidar as diferenças de estrutura do próprio esporte ao longo do tempo. A quadra do professor Bracinni, pessoa que formou praticamente todos os atuais instrutores do esporte na cidade, é feita de cimento, e, portanto, considerada hoje, difícil para jogar, em face aos novos modelos de quadra, moldados em vidros de resistência ao redor e carpete, que surgiram na cidade. Nesta pequena transição entre padel “raiz” e “Nutella”, e mesmo com as alternâncias de tempo, o cenário do padel na própria cidade já se consolida há mais ou menos 30 anos.

Na cidade, em uma nova onda de novos clubes, novas quadras, maior frequência de torneios, e, muitos iniciantes no esporte, que, mesmo com a pandemia, não deixaram de jogar, percebo o padel enquanto um fenômeno desportivo da vida contemporânea e suas especificidades e estilos repercute novas implicações entre o individual e o coletivo na medida em que se torna, aos poucos, a partir da forma como suas experiências e vivências acontecem nas grandes cidades, um novo fenômeno social engendrado na vida blasé, ao passo em que posso observar uma tensão provocada entre o indivíduo e a própria sociedade sobre o qual pretendo aqui realizar uma pequena reflexão. Para Simmel (1967),

a metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. Nesta, o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme. É precisamente nesta conexão que o caráter sofisticado da vida psíquica metropolitana se torna compreensível – enquanto oposição à vida da pequena cidade, que descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais. (SIMMEL, 1967, p.12).

Assim, pensar esta intensificação do impacto destas práticas na vida dos indivíduos nas grandes cidades enquanto centros de domínio do intelecto e economia (Simmel, 1967) se torna necessário, e, mesmo não jogando ou não tendo a menor vontade em praticar o esporte, em algumas oportunidades em que acompanho meu marido, frequento estes espaços ou vejo jogos no canal do WPT pelo YouTube. Neste viés, é mais ou menos assim que me vejo “na” ou vejo “a” quadra de padel (CRAPANZANO, 1988), mas, mesmo em momento assim, me suscita pensar sobre minhas impressões sobre este esporte, e é sobre isso que quero compartilhar a seguir.

**3 Sobre corporeidade e campo no Padel**

Não é fácil interpretar Malinowski. Mas, depois de ler várias vezes a introdução de “Os argonautas do Pacífico Ocidental” e pensarmos sobre seus pressupostos etnográficos, entendo que talvez a grande tarefa de todo antropólogo seja relatar as práticas e trazer olhares antropológicos por meio das minucias etnográficas que garimpamos nos espaços para o qual “olhamos”. E talvez o mais difícil ainda seja aprender a direcionar este olhar, e, principalmente, estranhar. E para mim, é por isso que se torna necessário tentarmos fazer estes pequenos exercícios, que entendo como uma “mini-etnografia”, no sentido de recortar, para um relato de experiência, pequenas aproximações e observações, que, aos poucos e em certa medida, vão nos fornecendo subsídios para o aprofundamento na grande compreensão sobre como realmente a cultura nos torna humanos.

Com esta finalidade, separei dois grandes conceitos para descrição de observações, reflexão e diálogo com possível entrelaçamentos temáticos que podem nos fornecer subsídios imaginativos sobre o acontecimento desta prática esportiva nos diversos contextos locais e globais. O primeiro grande aspecto assentado em toda uma seara conceitual no campo da Antropologia diz respeito ao **corpo**. Entendo aqui corpo a partir da noção fenomênica de Csordas (2008), em um diálogo ainda com as noções de um corpo simbólico teorizado por Le Breton (2011), bem como o conceito de *habitus* que envolve a construção do corpo que é presente em Bourdieu (2011), pensando ainda conjuntamente em relação às técnicas corporais concebidas por Mauss (2003).

Em um diálogo com Bourdieu, que situa a relação do corpo com a prática, Merleau-Ponty, que por sua vez elabora a relação entre o corpo e a percepção, e Foucault, que enxerga o corpo enquanto disciplina através das relações de poder, Csordas (2008) realiza uma reflexão sobre o que entende como paradigma da corporeidade, propondo o conceito de *embodiment*, em que o corpo deveria deixar de ser pensado como “objeto” e passar a ser pensado como “sujeito” da cultura dentro de determinadas construções sociais, constituindo, para tanto, um novo olhar sobre a própria sociedade sua relação à corporalidade. Para Csordas (2008), o ato de comunicar o corpo evidencia uma agência corporal justaposta entre as teorias de Merleau-Ponty, Bourdieu e Foucault, que podem nos interpretar e elaborar uma resposta sobre a relação entre corpo e sociedade, através da observação das interações entre o próprio corpo e o mundo:

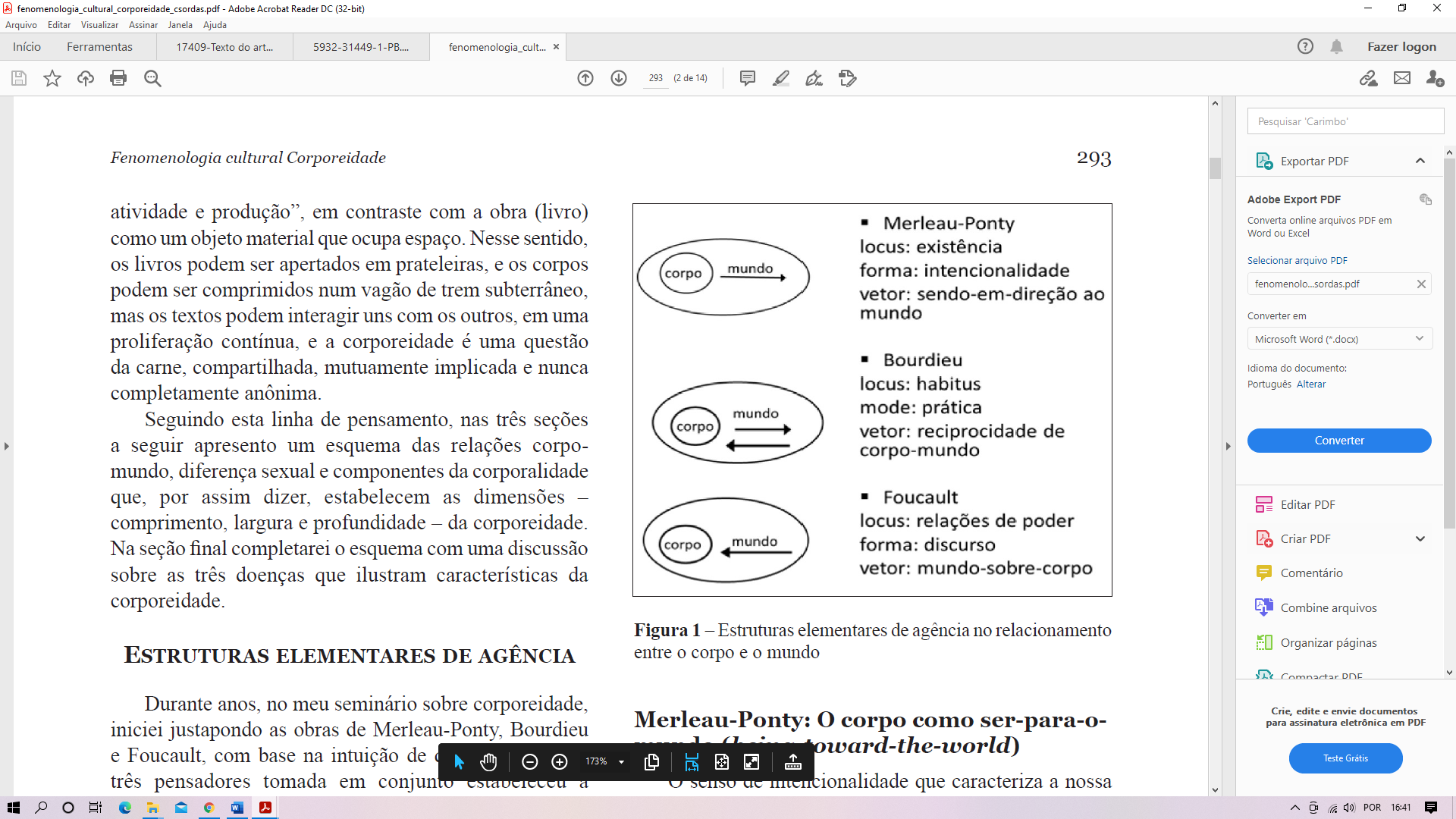


FIGURA 4 – Estruturas elementares da agência de relacionamento entre corpo e mundo (CSORDAS, 2008, p.293)[[8]](#footnote-8)

Assim, o autor entende o corpo como fenomênico, na medida em que pensa a esta corporalidade entre o sujeito e o objeto (MERLEAU-PONTY, 2011) e entre a estrutura e as práticas (BOURDIEU, 2011). Sua “antropologia da corporeidade” revela os indivíduos enquanto sujeitos corporificados, na medida em que interpreta o corpo como sujeito da cultura, em processos de incorporação, interpretação e expressão das práticas estruturadas a partir dos meios em que escolhem circular, e é por meio da corporalidade (entendida por mim, como a comunicação, por meio de uma linguagem corporal), que revelam sua corporeidade intrínseca a estas experiências corporificadas pelos próprios sujeitos, dentro desta perspectiva dialética entre percepção e prática. Tal teorização, mais tarde, realiza uma reflexão sobre a corporalidade agregando as contribuições do pensamento de Foucault (2012) para pensar ainda o corpo enquanto discurso de poder. O autor explica as conexões sobre o qual interpreta o processo de corporalidade vinculado a noção de agência do corpo:

Em suma, meu argumento é de que o *locus* operativo de agência está para Merleau-Ponty em nível de existência, para Bourdieu em nível de *habitus* e para Foucault em nível de relações de poder. A modalidade na qual é exercida a agência é para Merleau-Ponty a intenção, para Bourdieu a prática e para Foucault o discurso. O vetor de agência (pois tem uma direcionalidade) é, para Merleau-Ponty, dos nossos corpos para o mundo, no sentido de projetar para dentro de e orientar para o mundo. Para Bourdieu, o vetor é duplo, apontando em direções opostas e recíprocas entre os nossos corpos e o mundo que habitamos e que nos habita. Para Foucault, o vetor é do mundo na direção dos nossos corpos no sentido de inscrever-se sobre ou incorporar-se em nós (CSORDAS, 2008, 293).

Portanto, utilizando esta interlocução como ponto de partida para entender os processos de corporalidade, Csordas (2008) nos propõe ainda, por meio de uma organização metodológica, buscar examinar a corporeidade pela análise de estruturas elementares de agência que capacitam a própria a corporalidade: forma corporal, experiência sensorial, seus movimentos e orientações, o metabolismo e as fisiologias corporais, a afetação, a temporalidade, bem como as especificações de cada gênero. Desta forma, podemos encontrar subsídios práticos para buscar compreender o que o referido autor entender como uma fenomenologia cultural da corporeidade (CSORDAS, 2008).

Através destes conceitos, desdobro aqui, algumas impressões etnográficas sobre a construção da corporeidade corpo para o Padel. Enquanto *habitus* e poder, o corpo do jogador de Padel é sempre revestido externa e internamente. Para o jogo em si, ao observamos um jogador, podemos perceber toda postura corporal orquestrada através de uma espécie de “linguagem em quadra”, presente na movimentação, na maneira como segura a raquete na mão direita ou esquerda, ou ainda como posiciona as pernas para receber um saque ou um ataque do adversário, balançando os joelhos levemente flexionados e sempre olhando fixamente para o movimento do próprio adversário com a bola, pensando sempre e rapidamente sobre o golpe com o qual poderia revidar e reagir em quadra, no que nos conduz a pensar sobre a matéria técnica construída para o próprio jogo de Padel. Então o corpo, internamente, por meio de treinamento, deve refletir externamente na gestualidade este aprendizado da técnica na constituição corporal de todo jogador, de maneira que o domínio gradual do capital cultural específico da técnica do Padel, que é presente em seu rito, determina ainda o nível de cada jogador.

Em última análise, o padel é sempre um esforço corporal e mental para passar a bola pra o outro lado da quadra. Entretanto, há sempre uma variação no modo como se recebe e se passa esta bola, que envolve aquilo que Foucault entende como disciplina corporal e Mauss entende como técnica corporal, e é exatamente por isso que o padel, como qualquer jogo, mas mais que muitos jogos, depende tanto da própria condição corpórea. Porém, cabe aqui entender que há, segundo os próprios padelistas, duas formas de se ganhar um jogo “jogado” com base na força: uma se dá pela força corporal; outra, está na força mental. Esta classificação compreende, inclusive o posicionamento da dupla em quadra: quem está na direita, via de regra, tem a capacidade de coordenar o jogo pelo controle mental; cabe àquele que fica na esquerda fazer sempre um esforço de finalização do ponto, que se dá, via de regra, pela investidura corporal.

Em minha linha de raciocínio, apresentada com conexões em Csordas, mas entendendo também o corpo como um artifício simbólico de expressão (LE BRETON, 2011), interpreto a expressão do corpo em si e em relação ao contexto e o mundo do Padel, por meio da observação da indumentária reproduzida por um mercado e moda que contemplam marcas diversificadas de um vestuário especial específico para o esporte para uso em seu meio, além das disputas simbólicas que envolvem os usos e representações de seu principal artefato: a raquete. Para expressar a técnica, o corpo do jogador de padel é “montado”, “fabricado” (BENEDETTI, 2005) através das mulheres que buscam comprar short-saias e tops, dos homens que adquirem camisetas e bermudas de Neoprene, ou ainda as raqueteiras, que são mochilas fabricadas exclusivamente para carregar roupas e as raquetes, e as munhequeiras, que são dispositivos de compressão da região do punho para evitar lesões, mas também para aliviar o suor durante o jogo, já que são feitas de um material específico para isso. Além destes, os tênis utilizados especificamente para este tipo de jogo também merecem atenção e destaque nesta observação, já que requerem padrões específicos em seu solado, profundidade e revestimento, reafirmando aquela premissa de consumo de que “tênis não é só um tênis”. Há para eles, um mercado específico dentro da carteira de produtos de cada marca que circula neste circuito. Tais modismos e ostentações, de alguma forma, determinam a postura na corporeidade, traduzindo, sobretudo, uma construção de pertencimentos identitários nestes espaços.

Neste sentido, há um destaque especial para a raquete, artefato fundamental para que o jogo aconteça. Em seus vários modelos e marcas, as raquetes tem um *savair-faire* artesanal e, no geral, com matéria prima como fibra de carbono, de vidro, de alumínio, titânio e outros tantos materiais, é ostentada através das marcas simbólicas que residem no mundo particular do Padel, sendo, de modo geral, utilizadas como insígnia de poder para comunicar aos demais a capacidade econômica de um jogador amador em “poder comprar” uma raquete de determinada marca ou ainda, de um jogador profissional, em poder ter o apoio ou patrocínio de um imaginário simbólico de marcas como: Babolat, Drop Shot, Compass, Gol Padel, Star Vie, Nox, dentre outras. Daí a leitura de uma antropologia do gosto e da distinção inerente a estes espaços, já que normalmente os clubes que dispõem das quadras para agendamento de jogos também disponibilizam lojas para acesso e aquisição dentro deste mercado específico. Neste contexto, que envolve tempo em moda e espaço em quadras, o indivíduo é moldado e se molda para se tornar jogador de Padel. Seu *embodiment* constitui uma agência corporal específica que reivindica uma corporalidade, por sua vez, apresentada na sua circulação nos espaços onde o Padel acontece. E neste viés, outro grande aspecto desta prática diz respeito ao seu próprio **campo**, no mais amplo sentido da palavra, tanto em matéria significativa, quanto em matéria conceitual.

Assim como o conceito de *habitus* de alguma forma aqui suscitado para pensar o corpo do jogador de Padel, mas não muito explicitado, já que pensar o *habitus* requer reconhecimentos maiores sobre as estruturas objetivantes na qual cada indivíduo está inserido e que dizem respeito à disposição de capitais enquanto instrumentos de apropriação de possibilidades oferecidas, o conceito de campo presente em Pierre Bourdieu, que se refere a um espaço de disputas, relações de forças, pertencimentos e dinâmicas próprias serve para nos permitir pensar os espaços sociais do Padel enquanto um campo dentro do campo de força. Para Bourdieu, os campos não tem estruturas fixas, já que ele os considera produtos de disposições e da própria história, e para tanto, conservam um dinâmica em seus limites e interesses específicos. São as práticas sociais entre indivíduos que dão vida a cada campo, cada um em sua economia particular, resultando em recortes de classe, diferenciações sociais, intercâmbio de capitais, dentre outros aspectos interessantes de serem observados e cada objeto social; no caso aqui, tratamos do Padel, mas, por meio de um olhar ou recorte bem específico e superficial, já que pensar o campo do Padel demandaria uma pesquisa bem mais ampla.

Assim, analiso aqui um recorte de campo do Padel enquanto espaço social e relacional que gera posições, disputas e lutas que vão bem além da quadra e do jogo em si. É interessante aqui descrever as práticas rituais e uma certa performance que existe nos clubes, nos torneios, e dentro de circuitos pequenos. Ainda segundo Bourdieu (2011), todo campo envolve uma *doxa*, um senso comum corporal e comportamental, além de um *nomos*, que dizem respeito às leis ou normas estabelecidas naquele espaço, dizendo respeito aos sistemas de classificação e ao funcionamento prático do próprio campo. Neste viés, o jogo de Padel em si acontece, quase como um ritual performativo entre 2 duplas de jogadores, que o jogam segundo leis e regras interpostas pelo esporte, mas que ali, na quadra, vão depender da condição fisio-corporal de cada jogador, da habilidade com os golpes, da forma como cada dupla interage entre si, dentre outros fatores.

Localmente, o Padel de Santa Maria é composto por pequenos círculos de pessoas, que se reconhecem dentro destes espaços, agendando jogos em grupos de Whatsapp, criando conexões diretas. Normalmente, o jogo em si é, de algum modo, “democrático”, de modo que a função social de cada indivíduo lá, é, de maneira superficial, desconsiderada, uma vez que o jogo acontece entre um indivíduo da alta classe com renome, por exemplo, um empresário reconhecido na cidade, e outro indivíduo de classe média, por exemplo, um funcionário de qualquer instituição pública ou privada. Mas, é importante remarcar que esta “democracia” do Padel é aparente, já que sempre é preciso ter um poder aquisitivo significativo para participar e pertencer a estes círculos. Daí que, observo um certo recorte de classe na prática deste esporte.

Assim, um campo do Padel é delineado a partir dos clubes que nascem e torneios que são frequentes, em que as disputas por status e prestígio estão sempre intrínsecas aos pequenos jogos disputados “ponto a ponto”. Perceber estes detalhes significa reconhecer como as pessoas operam nos níveis em que são ranqueados dentro do próprio esporte. O Padel é dividido em níveis ou categorias: iniciante, sexta, quinta, quarta, segunda e primeira ou open, que seria a categoria para jogadores de maior habilidade corpóreo-mental. Não há um pré-requisito que confirme ou certifique que um jogador pertence a uma categoria ou outra. O balizador entre elas é justamente ou maior ou menor grau de habilidade de cada jogador em quadra. Deste modo, a priori, cada jogador deve ir reconhecendo sua progressão de categorias ao longo do tempo, inclusive para participação em torneios. E nestas passagens pelos torneios amadores da cidade, em que acabo acompanhando meu marido nas participações, observo de longe, os processos de interação intrínsecos a estas pequenas vivências do mundo do Padel, na medida em que vejo as pessoas jogando em categorias nas quais não pertencem, o que é possível de perceber quando os sets se encerram rapidamente sem capacidade de reação nas marcações dos pontos ou games. Por meio de uma antropologia simbólica e interpretativa, que me permite um entendimento das ações, dos ambientes, dos símbolos e das institucionalizações criadas pelas próprias pessoas, percebo também os pertencimentos sociais expostos na exibição das marcas e das indumentárias, na exposição dos corpos com as roupas apropriadas ou o pouco uso das raquetes caras. Os torneios viram, assim, quase que uma corte francesa, em que mais importante do que jogar é “poder parecer jogar” dentro de um “esporte para poucos”. Assim, o esporte é usado como símbolo de ostentação, e as pessoas recriam todo um sistema de aparecimento em torno de seus próprios corpos nestes espaços. E mesmo com o atual contexto político-econômico controverso no país, as pessoas, ainda assim, encontram formas que sustentam estes

**4 Considerações finais:**

No Brasil, o Padel tem crescido de maneira exponencial. O investimento em clubes e quadras é considerável, visto a necessidade criada para expandir estes espaços, não só de prática e treinamento, mas de lazer e entretenimento. Em matéria antropológica, definir ou explicar se o Padel é “natureza ou cultura” pode ser uma tarefa bem interessante. Como todo esporte, envolve o corpo em nível físico e mental; daí que sempre tendemos a atrelar à natureza, pensando sobre as questões de separação da prática por gênero ou ainda as novas construções corpóreas dos jogadores profissionais, que lhes permitem maior desempenho e performance. Mas este mesmo olhar nos permite perceber a importância da construção da habilidade em cada praticante de Padel. Nos clubes, famílias inteiras frequentam, porque depois das partidas agendadas, sobra sempre um tempinho para uma cerveja entre amigos ou até um churrasco, dada a sofisticação destes espaços, que, atualmente, comportam, inclusive, espaços “kids” e “gourmet”. Então, é muito comum ver as crianças, das pequenas às maiores, arrastando as raquetes pelo chão e brincando com as bolinhas amarelas em meio as redes quando as quadras estão sem jogos. E é nestas passagens que percebemos o quanto o próprio Padel é uma soma de cultos para uma cultura. Culto do corpo, culto da mente, culto do treino, culto do investimento, culto do tempo que permite a cada um ser um jogador melhor. Neste sentido, meu questionamento crítico aqui reside muito em torno da democracia da cultura deste esporte. Embora alguns dos grandes jogadores de Padel da atualidade sejam verdadeiros talentos, é interessante pensarmos em que medida estes talentos são forjados pelas suas possibilidades capitais e econômicas. O Padel, assim como o tênis, é um esporte elitista, sobretudo pelo aparato que é preciso ter para praticá-lo, e que não é, de modo algum barato. Mas também é um esporte democrático em certa medida, já que permite pessoas de diversas idades poder praticá-lo, cada um dentro do seu próprio aprendizado ou categoria, já que nas quadras fica um pouco de lado a profissão ou funcionalidade de cada um na sociedade.

Se é modismo ou “febre” como da primeira onda do Padel na cidade, pelos idos dos anos 90 e 2000, ou “veio para ficar” porque comporta um certo tipo de democracia mesmo estando situado dentro de um recorte de classe, o fato é que o Padel se tornou uma prática não só individual, mas coletiva na cidade, seja em matéria familiar, seja em matéria urbana. Novos rumos do esporte como um todo estão marcados pela ruptura de jogadores profissionais com a liga WPT (cujo contrato para jogos e torneios vai até final deste ano), que gradativamente estão migrando para a nova liga Premier Padel, que pretende promover o próprio Padel no mundo. Para mim, particularmente, esta efervescência é só o começo; é o *“match point”* de uma partida que está longe de chegar. Na busca individual ou coletiva pelo aperfeiçoamento de um corpo que aprende posições e jogadas e investe cada indivíduo, a beleza do próprio padel está sempre em democratizar sua apreciação.

**5 Referências bibliográficas:**

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** Porto Alegre: Zouk, 2011.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever.** São Paulo: Unesp, 2000.

CRAPANZANO, Vincent. *Diálogo* In: **Anuário Antropológico**. Brasília: UnB Editora, 1991.

CSORDAS, Thomas J**. Corpo/Significado/Cura**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Os corpos dóceis*. In: **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

LE BRETON, David. (2011). **Antropologia do corpo e modernidade.** São Paulo: Vozes, 2011.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

1. Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022. [↑](#footnote-ref-1)
2. Por volta de 1890, passageiros de navios ingleses tentaram adaptar a prática de tênis ao espaço de bordo. Esse tênis de alto mar, como ficou conhecido no início, era praticado numa quadra de dimensões menores e protegida por telas. Somente em 1924, o pádel passou a ser praticado em terra, quando o norte americano Frank Beal improvisou algumas quadras nos parques municipais de Nova Iorque. Por essa época, o esporte passou a ser chamado de pádel-tênis. Em 1969, o empresário Enrique Corcuera construiu a primeira quadra de pádel em um hotel, em Acapulco, no México. Foi Corcuera quem definiu as dimensões de quadra e o regulamento que rege o esporte mundialmente, uma vez que adaptou o terreno de sua propriedade, montando muros em volta deste campo para impedir que a vegetação invadisse e a bola saísse do próprio campo. Outro grande responsável pela difusão do pádel foi o príncipe espanhol Afonso de Hohenlohen. Entusiasmado com o novo esporte, o nobre levou-o para a expansão do pádel para outros países europeus. Atualmente, o pádel é organizado e regulamentado a nível mundial pela FIP (Federación Internacional de pádel), entidade que conta com 15 associados, nos quais se destacam o Brasil, Argentina, México e a Espanha (**Fontes:** Wikipédia <https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1del>; Portal do Padel <https://portaldopadel.com/a-origem-e-historia-do-padel/> ) [↑](#footnote-ref-2)
3. No Brasil, a primeira quadra de Padel foi construída na Sociedade Harmonia Jaguarão na cidade gaúcha de Jaguarão e outra em Livramento. Em 1991, outros clubes como o Okinawa de Porto Alegre, a Sociedade Aliança de Novo Hamburgo e o Cepel de Pelotas aderiram ao esporte. E em setembro de 2013, Caxias do Sul entrou para a lista de entusiastas, inaugurou-se a FLY Padel & Squash, com duas quadras de Padel e Uma de Squash, todas cobertas, a serra gaúcha vem se destacando e o crescimento de interessados pelo esporte só aumenta **FONTE:** Wikipedia <https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1del> [↑](#footnote-ref-3)
4. Na Espanha, o padel é organizado e regulamentado, inclusive em nível mundial, pela FIP (Federación Inrernacional de Pádel). No Brasil, instituições fundadas como a Federação Gaúcha de Padel (fundada em 1992 e a primeira do país) colaboraram para difundir o esporte para outros estados brasileiros, e só mais tarde, é constituída a Confederação Brasileira de Padel, Com a finalidade de organizá-lo e leva-lo par ao mundo, hoje, tem-se ainda instituições como Federação Portuguesa de Padel em Portugal, Inpadel Sports na Índia. E, mais recentemente, foi criada a liga Premier Padel League, pela poderosa Qatar Padel (<https://qatarpadel.com/> ), dada a proporção que o esporte está tomando no mundo. [↑](#footnote-ref-4)
5. Los **golpes de pádel** más conocidos:

   **Saque:** [El saque de pádel](https://allforpadel.com/blog/saque-de-padel/) es el golpe con el que se inicia el juego, y, aunque el jugador dispone de dos oportunidades, se recomienda jugar con la mayor cantidad de primeros servicios posible con el objetivo de no perder el ritmo y la dinámica de juego. Se suele orientar hacia la pared lateral y a la velocidad que cada jugador considere oportuna para que le dé tiempo a colocarse en la red y tomar la iniciativa del punto. **Derecha o Revés sin Pared:** El [golpe de derecha de pádel](https://allforpadel.com/blog/golpeando-de-derecha/) y el revés son los más sencillos y los primeros que se enseñan en iniciación. El objetivo de los mismos es el mantenimiento de la bola en juego y por norma general provocar botes en paredes del contrario para dificultar la devolución. Para lograr mayor seguridad en estos golpes, se recomienda jugar en dirección cruzada, debido a que jugar cruzado es más natural a nivel fisionómico y porque la pista nos ofrece más distancia que cuando jugamos en paralelo, por lo que habrá más garantías de éxito. **Salidas de Pared:** El [juego con paredes](https://allforpadel.com/blog/salida-de-pared/) o cristales son la salsa de nuestro Deporte. Entre los tipos de salidas de pared encontramos, la de pared de fondo, de pared lateral, y doble pared. El aprovechamiento de los distintos rebotes para construir el siguiente golpe es una característica que marca la diferencia del Pádel con otros deportes de raqueta, dándole más dinamismo al juego y manteniendo el nivel de diversión al facilitar y dar “segundas oportunidades” a los jugadores.

   Según el tipo de salida de pared, la altura del rebote y la distancia de salida, se realizará un golpeo más ofensivo o defensivo, pero es fundamental recordar que el juego desde el fondo de pista tiene objetivo realizar golpes que mejoren nuestra posición permitiéndonos subir a la red. Por lo tanto, aunque se realice un golpe con características ofensivas, siempre hay que jugar con el margen de error para mantener la iniciativa. **Globo:** [El globo](https://allforpadel.com/blog/practica-padel-globo/) es quizás el más infravalorado a nivel amateur de los golpes de pádel. A pesar de la velocidad y la altura del mismo, es un golpeo que si se realiza correctamente con la pala abierta hacia arriba y con la fuerza adecuada, se convierte en uno de los más ofensivos. En caso de quitar la red a la pareja contraria mediante el globo, mejoramos nuestra posición, pasando de defensa o mantenimiento a ataque y tomando de esta forma la iniciativa del punto al ocupar la red. La dirección del globo dependerá de la comodidad a la que se pueda realizar y a las características de los jugadores contrarios, pero se recomienda en todo caso que la bola bote sobre la línea de saque contraria, para evitar de esta forma un gran rebote de la bola tras la pared. **Volea:** El objetivo de la [volea en pádel](https://allforpadel.com/blog/es/golpe-reves-padel/) es el de mantener a la pareja contraria en el fondo de la pista, forzar el fallo y crear espacios libres. Se recomienda que la primera volea se dirija al centro de la pista, donde a priori está el espacio libre, y posteriormente aprovechar los espacios moviendo al contrario según el jugador que recupere la bola. Un buen trabajo de volea y mantenimiento de la red provocará gran cantidad de errores o devoluciones cómodas, por lo que mantener la concentración, tapar la zona del centro, y jugar con margen de error, son claves para que la posesión de la red te haga ganar el partido. **Bandeja:** [La bandeja en pádel](https://allforpadel.com/blog/la-bandeja/) es uno de los golpes más característicos. Se inventó como solución a esos globos medios del contrario que provocaban indecisión entre dejarlas botar y perder la posesión de la red o tocarlas mediante un remate que no permitía ganar el punto. La zona de golpeo es en media pista y la altura del mismo se encuentra a medio camino entre una volea y un remate, y se recomienda orientarlas hacia el cruzado provocando el bote en la doble pared del contrario para así dificultar la devolución. Por el gran peso táctico de este golpe, la bandeja implica un trabajo físico intenso, ya que cuando se ejecuta la bandeja se debe tener en cuenta que el objetivo es no perder la iniciativa en la red, por lo que al golpear hay que volver a subir para acompañar al compañero que debe haberse quedado en la posición de red. **Víbora**: [La víbora de pádel pertenece](https://allforpadel.com/blog/la-vibora/) a los golpes de nivel avanzado y es, sin duda, uno de los más complejos del repertorio técnico de nuestro deporte. Similar a la bandeja en cuanto a la altura del golpeo y la zona de ejecución, pero con ciertos matices como son el balance hacia el impacto del peso del cuerpo, la posición totalmente de lado, el efecto lateral total que se le imprime a la pelota y el más importante, la intencionalidad. En este caso, la víbora se utiliza con más velocidad y con intenciones de definir el punto o dejarlo prácticamente terminado.  Se suele orientar hacia las esquinas, provocando un rebote mínimo y que la bola caiga antes que el contrario sea capaz de impactarla. En su enseñanza, no se aconseja hasta llegar a niveles de competición.

   ## FONTE: <https://allforpadel.com/blog/es/golpes-de-padel/>

   [↑](#footnote-ref-5)
6. Partida transmitida dia 24 de janeiro deste ano, pelo YouTube, no canal do WPT, entre Gallan/LeBron x Campanollo/Garrido, pelas 8ªs de final do circuito do WPT em Maiami. Esta foi uma partida particularmente emblemática, dadas suas repercussões. O contexto é o seguinte: a dupla nº1 do mundo – (Gallan e Le Bron perderam para Campanollo e Garrido, que, digamos assim, estão em posições “em desvantagem” em matéria de ranking. E como este torneio em Miami marcou a entrada do WPT na América do norte, me pareceu que houve um certo tipo de “crise de territorialidade”, já que Alejandro Gallan e Juan LeBron são espanhóis por excelência e acabam se sentindo incomodados com a “mudança” de comportamento da torcida, o que, segundo eles em declarações de protesto nas redes sociais, teria “atrapalhado” o desempenho deles naquele jogo, uma vez que a torcida, “por aqui”, levanta toda hora”, “grita pelos nomes dos jogadores”, e, para tanto, se “comporta muito mal. Aqui, me suscitou pensar em Sahlins (ANO) e sua leitura sobre crises culturais e processos de aculturação ou falta de leitura da cultura do outro. Sobretudo, no fundo, pareceu-me que Gallan e Le Bron, em suas respectivas individualidades, não souberam lidar com a perda e o peso simbólico disso. [↑](#footnote-ref-6)
7. **Fonte**: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-maria/panorama> [↑](#footnote-ref-7)
8. **FONTE**: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/15523> [↑](#footnote-ref-8)